

171
3 / 15
2 / 8 / 19
PAZ PERPETUA

DRAMA

PARA SER REPRESENTADO
NO THEATRO
DO SALITRE,

NO FELICISSIMO DIA DO NASCIMENTO

DO SENHOR

D. JOZÉ

AUGUSTO PRINCEPE

DO BRAZIL

COMPOSTO POR

FRANCISCO JOZÉ DE ALMEIDA.



LISBOA:

Na Offic. DE JOSE DE AQUINO BULHOENS.

ANNO de 1788.

Com licença da Real Mexa da Comissãõ Geral sobre o
Exame, e Censura dos Livros.

Je vais voir, du moins en idée les
hommes s'unir, et s'aimer

Extrait du projet de paix
perpetuelle de l'Abbé de S. Pierre

*Ao menos eu verei na minha idea
amar-se os homens, e viver unidos.*



L I S B O A :
No Officio de José de Aguiar, Impressor.

Em Lisboa, na Officina de José de Aguiar, Impressor, no dia 15 de Junho de 1764.

ARGUMENTO.

Propoem-se Minerva (a Sabedoria) li-
 vrando o Mundo dos flagellos de Mar-
 te (da Guerra) estabelecer a paz per-
 petua entre os homens , e reserva o seu tri-
 unfo para o felicissimo Dia do nascimento do
 Augusto Principe Lusitano ; mas huma cer-
 ta predilecção pelo Téjo lhe excita o dese-
 jo , de que este Semi-Deos presencce o pro-
 digio da sua infinita Sabedoria : com este
 fim passa elle a Estige acompanhado do Ge-
 nio tutelar deste Principe : ainda ignoravaõ
 o destino da sua descida ao Inferno ; eis-que
 huma inspiração de Minerva ordena ao ce-
 leste Genio , que venha aos Elisios , donde
 voltará brevemente ao encontro do Téjo :
 entãõ elle parte , e o Téjo occupado em ad-
 mirar o horroroso Templo de Marte , he
 surprehendido por esta Divindade infernal ,
 empenhada em persuadir-lhe , que a illustre
 progenie de guerreiros bravos devia de força
 ser-lhe votada , e não aos brandos influxos
 da Deosa da sabedoria : aqui o Monstro em-
 penha todo o seu arteficio em recordar as
 bellicas , e arriscadas empresas da nossa
 gente , confundindo feitos gloriosos com os
 desatinados furores , que inspirava a Ca-
 vallaria daquelles tempos. O Téjo horrorisado
 da cruenta narração de Marte , mostra-lhe
 como

ARG

como elle não se honrava Jenaõ das boas
acçoens dos seus Cavalleiros ; a tempo que
o Genio chega transportado das delicias , e
amenidade dos campos Elisios ; e vem a
conduzir o Semi-Deos desta penosa regiaõ ;
o encontro de Marte o demora , e em res-
posta ds novas instancias deste horrivel Nu-
me explica-lhe qual seja a filosofia do seu
Alumno , e como ella implica com os seus
cegos influxos ; entaõ hum raio despedido da
maõ de Minerva abraza o infame Templo
do execravel Marte. A Scena muda-se em
campos Elisios , e a Deosa , depois de en-
terter-se com o Téjo á cerca do seu trium-
fo , conforta-o sobresaltado de ver tantos
prodigios ; e diz-lhe que vá contar á Lisia ,
que só he possivel a seu profundo entendi-
mento imaginar hum plano de paz perpe-
tua , que possa realizar-se : e entaõ despe-
de o Genio , o qual em premio do bem que
dirigira o Principe , vai gozar do Nectar
só reservado aos Deoses , e tomando a si a
conducta deste Principe sabio , invia o Téjo
ás deleitosas moradas de Lisia , onde can-
tará com as Ninfas doces hymnos em hon-
ra de taõ ditozo Dia , em tanto que ella
se demora nos amenos Elisios com as Almas
justas gozando as delicias destes aprasiveis
bosques.

D R A M A

P E R S O N A G E N S .

GENIO.

TEJO.

MINERVA.

MARTE.

S C E N A I.

*Bosque escuro , e denso : a hum lado estará a
Alagoa Estige de agoas verdenebras , que
fulguraõ , e lançaõ hum vapor infla-
mado. A outro lado estará o
Templo de Marte.*

G E N I O , E T E J O .

Genio. **D**O sacro Olimpo , o Nectar refusando,
Baixou Minerva aos Eliféos tranquillo:
Os Deoses deixa por tratar os Manes ,
Os justos Manes , que nunca extraviaraõ
Das incultas varedas onde raia
A luz suprema da razaõ eterna.
Talvez se apraz a Deosa neste Dia ,
Que o pranto enxuga da fermosa Ninfa ,
Cuja fertil campina , ó Padre Tejo ,
As tuas claras agoas humedecem.
Talvez se apraz com os Heroes antigos
Delicias das Naçoens , do Throno Gloria.
Mas ah ! que sinto !... espera , que abrazado
Meu

Meu peito ferve ! . . . inspiração divina . . .
Celeste lume , que o futuro aclaras ,
Já lavra em mim teu vehemente influxo ! . . . *cant.*

Nos brandos Elifios
A Deosa divizo ,
Mas alto juizo
Revolvendo está.
Armada de raio
Tem a mão potente ;
Em nuvem ardente
Cruza o ár futil.
Da nuvem vermelha
Que leve vacilla ,
O fogo scintilla ,
Estalla o trovaó.

Tejo. Cándido Genio , perscrutar não oiso
Os profundos abisimos , que o futuro
Em densas trevas envolvido ferraç.
Mas eu aqui ! . . . na região das penas ! . . .
Eu ! . . . suprema Razaó , submisso adoro
Os teus decretos : como queres , seja.
Genio. Os deleitaveis campos demandando
A Deosa busco : e tu espera , ó Tejo ,
A minha prompta volta ; assim ordena
O santo Nume , em cujo nome rompo
As pardas sombras , que bafeja a Morte.
Sem susto espera , ó Tejo venerando :
Os Deoses guardaó quem os Deoses busca. *vais.*
Tejo. Parte , Celeste Genio : e tu benigna ,
Sabia Minerva , que minha alma inflamas ,
Tu sabes que eu attento a teus acenos
Do Cáo trifauce não temi a raiva ;
Que a podre Estige não tolheo meus passos.
Das

(7)

(Das mornãs ondãs a corrente molle
 Enfopa os ares de lethaes vapores,
 Que a salvo não respira fragil vida,
 Se dos Deoses não bebe aura superna.
 Ainda a medo encaro as verdes agoas,
 Que afoito acometti!. tanta virtude
 Infunde no meu peito o fausto Dia!....
 Mas ah! que Templo!... que terrivel Templo!
 O bellico, mortifero apparato
 Lhe adorna os pardos muros! Cahem truncadas
 De ensanguentados corpos as cabeças!
 Alli rotas entranhas escorregão
 Soltas dos rijos, estirados membros.
 Por certo he esta a habitação horrivel
 Do Deos da Guerra. O formidavel Marte
 Aqui de vivo fangue o peito ceva.
 Mas na perra coiceira a porta geme....
 Eis o cruento Marte....

Abre-se o Templo, e aparece Marte.

Marte Acazo ignoras,
 Que a meu valor ingente, ó Tejo ingrato,
 A gloria debes desse nome honroso,
 Que arrogante conservas desde Lisias,
 E eterno guardarás além dos seculos?
 A mim deveste o denudado esforço,
 Que as Aguias affustou d' altiva Roma.
 Por mim teu nome soube o Indo, e Ganges.
 Oifados Moços, que meu fogo accende,
 Nos acanhados lares mal cabendo,
 „ Por mares nunca dantes navegados „
 Ao longe vão levar teu brado, e Gloria.

Ao

Ao novo mundo vão mostrar , que a força (1)
 He a suprema Lei que a tudo impera.
 A terra treme ; geme o mar profundo :
 A' quelles , que poupára o curvo alfange ,
 Nos ardentes pelouros busca a morte.

Tejo. A' crua narraçáo o fio corta.
 As illustres aççoens , heroicos feitos
 Em defeza da Patria aventurados
 Não foraõ teus ; com elles não confundas
 Teu iniquo furor demesurado.
 De Pallas houve o grande Viriato
 A militar virtude , o destemido
 Honrado peito , e o braço valeroso ,
 Que o vão orgulho submetteo de Roma ,
 Soberba Roma de teu campo aborto.
 Tu foste , ó Pallas , quem moveo irosa
 O nobre coração do Real Duque ,
 Que meus ferros quebrou , a cujo estrondo
 Soltou fatal rugido o pavorozo
 Leão Ibéro , e heriçando as jubas ,
 Reprime as furias de terror gelado.
 Mas foras tu , e praza aos Céos não fosses ,
 Quem fogosos Mancebos mal expertos ,
 A barbaras cruezas conduzindo ,
 Os sagrados limites profanáras.
 Assim manchalte aquelles peitos fortes
 Em honradas emprezas illustrados.
 Frenetica ambição (2) do mundo estrago !
 Que damnos não causou á triste Lisia

Essa

(1) La raison du plus fort est toujours la meilleure . . . un grand Philosophe n'a pas rougi de faire de ce principe absurde la base de sa politique,

(2) La passion insatiable n'examine point la justice , elle calcule les forces , les Destructeurs du genre humain sont mis au nombre des Dieux,

Essa vasta conquista ! . . . falsa gloria !
 Monstro infernal , os cazos não recordes ,
 Lugubres cazos , que meu nome affrontaõ.
 Os Deoses com razaõ te degradáraõ.
 Para o Reino das furias , onde vivas ,
 Aos Ceos apraza , sempre afferrolhado.
 Mas ah ! ao longe vem o santo Genio . . .

Sabe o Genio cantando.

A R I A.

Genio. Suave , doce armonia !
 Aprafivel regiaõ !
 Alli a branda alegria
 Não padece alteraçãõ.
 Inda a leda melodia
 Soa no meu coraçãõ.

Sobrano Téjo , a conduzir teus passos.
 Por Minerva mandado . . . mas que vejo : . . .

Marte. Pára , celestes Genio , a cujo cargo
 Vellar do Luso Princepe o destino
 Os Deoses deraõ : sabe que te cumpre
 Que em meus Altares venha o moço irado
 Jurar hum odio eterno à raça humana ,
 O Deos da Guerra sou ; quem me disputa
 Dos illustres guerreiros a progenie ?
 De mim depende a forte dos Imperios :
 Eu do iracundo Achilles as entranhas
 Com tutanos de Tigres alentadas
 Contra os fados de Troia embravecera.
 Eu do grande Alexandre a grave dextra
 Armei do vivo raio , que abrazado
 Nas margens retumbou do rico Ganges.
 Eu de quantos Heroes a Historia acclama

Fiz

Fiz sempre a lei: por mim a antiga Roma
 Soberba ao mundo impoz o ferreo jugo.
 E oisa contrastar a vã Minerva
 Com debil peito meu valente influxo!
 E oita o Téjo audaz negar-me o Principe...
Genio. Felizes tempos bemaventurados!
 Já teu cruento baso não empesta
 O Throno Lusitano, aonde reinaõ
 Em torno de MARIA as puras Graças,
 A santa paz, e as candidas virtudes:
 Dalli voando, brandamente affagaõ
 O sabio Filho, que prudente, e justo
 O ávido desejo não devora
 De alçar dominio vaõ sobre remotos,
 Largos sertoes, que teu furor devasta. (1)
Marte. Melhor lhe fica sobre o molle Throno
 A' moda dos Sultoes entorpecido
 Nutrir no ocio vil os froixos vicios.
Téjo. Os Princeses, que a Jove imitar querem,
 Não armaõ do teu raio a mão benigna;
 A branda mão, que liberal affaga
 A faudoza viuva, os tenros orfãos,
 Não abre a porta do biforne Jano.
 Contente de reger povos felizes
 Nos seus limites cabe o Rei prudente.
 Alli com o valor da sobria Sparta,
 Intrepido defende os patrios lares,
 Pois amante da paz, por conservalla (2)
 Do sancto Nume, que inspirou Licurgo,
 Os

(1) Si tous les rois ne sont pas revenus encore de la folie des conquêtes, il semble au moins que les plus sages commencent à entrevoir qu'elles coûtent quelque fois plus qu'elles ne valent.

(2) La guerre est juste, et nécessaire lorsque sans elle on ne peut être assuré de la paix.

(II)

Os direitos da guerra aprende , e segue.

Tal he a lei que nossas Quilhas arma

Contra o corso cruel do Mouro infido.

Voa adiante o nome Lusitano ,

Nome que as claras Luas Musulmanas ,

Nas tremulas cabeças facodindo ,

The do molle Calife aballa o folio.

Mas que tem de commum o froixo Déspota

Com hum sabio Monarcha sempre em guarda

Contra o cego furor de teus influxos ?

Affás tem que fazer quem faz justiça. (1)

Genio. Deixa , ó Téjo , vociferar o Monstro.

Que mal conhece o Principe Philosopho !

Em solidas verdades estribado

Das vastas Monarchias mal agoira. (2)

Pequenos povos que a virtude enlaça

A voz melhor escutaõ do Sobrano ,

Que á gloria aspira de fundar seu Throno

Em nobres coraçoes , livres vontades.

Do Déspota odiozo não aprova

O largo mando sobre vis escravos ,

Que o ferreo sceptro murmurando mordem.

Ao rapido Alexandre não inveja

A conquista do mundo , que mal rege. (3)

O piedozo Tito , o sabio Aurelio

São

(1) Un souverain , qui veut regner avec sagesse sur un peuple , quelconque n' a-t-il donc pas déjà suffisamment d' affaires.

(2) Plus le lien social s'étend , plus il se relâche , et en général un petit état est proportionnellement plus fort qu'un grand.

(3) Il est plus aisé de conquérir que de regir. Avec un levier suffisant , d'un doigt on peut ébranler le monde , mais pour le soutenir il faut les épaules d' Hercule.

São as suas delicias , seus modellos ,
 Mas fôa perto o coruscante raio ,
 Fulgura luminoso o sacro fogo ,
 Que á fraca vista occulta as Divindades.

*Hum raio despedido da nuvem de Minerva , fe-
 re o Templo , que derribado por terra deixa
 ver nos ares a Deosa sustentada em huma
 nuvem , que dardeja fogo : e a scena muda-
 se em campos Elisios , ornados de Estatuas
 vestidas de branco , que retratão os Heroes
 antigos. Em tanto canta o coro o seguinte.*

C O R O

Louve nosso canto
 O Dia natal ,
 Que enxugou o pranto
 A^c Lísia leal.

Min. Eis , ó Tejo , o prodigio , a grave empreza ,
 Que há largo tempo no profundo peito
 Cuidadosa revolve : eis o momento ,
 Feliz momento á tanto desejado !
 Sensível aos estragos , que maquina
 O duro Marte aos míseros humanos ,
 Resolvi acabar suas cruezas :
 Pois só o meu saber omnipotente
 Apaga as fachas que as raivozas Furias
 Lançáo no bravo peito ao fero monstro.
 Acabem de huma vez altas disputas ,
 Que os sabios cançáo ; vai contar á Lísia
 Que esta filha do Céu , a Paz rizonha ,
 Ao mundo desce , vai ligar as gentes ,
 As gentes todas , que dispersas vagáo

Pela

Pela face da terra divididas :
 Eu só realisar posso a chimera
 De unir em hum só Povo tantos Povos.
 O Templo infame demolido fica ;
 Eis pois a que vieras : hum instante
 Me basta ; quanto penso , quero , e faz-se.
 A' gloria delte Dia reservado
 Estava o meu triumpho ás Muzas grato.
 Eis de que o raio presta ás Divindades !
 Daqui aprendaõ os Monarchas justos ,
 Que só honraõ laureis , que o vicio abatem :
 Gire com este cunho o fausto Dia ,
 Que retraça a ditosa idade de oiro. *canta.*

Adejando as brancas azas
 A serena , doce Paz ,
 Vem seguindo o claro Dia ;
 Que as densas trevas desfaz.

Tejo. Sabia Minerva , ainda não respiro !
 Abafa a luz da minha fraca mente
 De teu saber profundo a maravilha !
 Que amena regiaõ ! lugar jucundo !
Minerva. Ditoso Tejo , a meu disvello affeito ,
 O frio susto despe , a paz recobra ,
 Serena paz , que nestes bosques reina.
 A fresca viraçaõ , que move as folhas
 Do Céu dimana ; os Deoses a respiraõ.
 Aqui os justos Manes , que beberaõ
 As minhas luzes , gozaõ meus favores.
 Aqui verás , que dante mão preparaõ
 A celebres Heroes sinceros cultos.
 Alli a regia Effigie , alli do Principe
 A Imagem fiel enche de gozo
 As almas puras , bemaventuradas :

Tras-

Tra-borda de seus peitos innocentes
 A gostosa alegria; e já de agora
 A mim unidas, a travéz da noite
 Do cerrado futuro vem presentes
 Na minha vasta idea altos misterios,
 Que teus Póvos farão sempre invejados. *cant.*

A R I A.

Misterios sublimes
 Que o fado escreveo,
 Cobre denso veo
 Que ninguem rasgou.
 Do sabio Antonino
 Apaga a faudáde
 A ditosa idade,
 Que lá vejo vir.

Genio. Sagrado Nume, cujo ser eterno
 Precede o giro dos celestes orbes,
 Que os leves annos, as fugazes horas
 Constantes marcaó no vazio immenso:
 Antes que o mundo fosse, já tu vias
 As armonicas formas, que pregoão
 De teu alto saber a profundeza.
 Eras presente á formação do mundo.
 Tantos prodigios menos te occupárao
 Que a sorte dos mortaes: quanto te devem
 O Luso Povo, o venturoso Princepe!

Minery. Feroso Genio, a cujas luzes coube
 Formar o coração do Luso Heroe;
 He tempo de gozar: alegre toma
 A clara nuvem que no ar ondêa,
 E ás brilhantes esteras remontado,
 Envolvido na luz, que os astros manaó,

Entra

Entra no sacro Impireo ; e alli tranquillo
 Ao convivio dos Deoses toma assento :
 E em premio de teu zello goza , e pasce
 O sancto neectar, só aos Deoses dado. *vai-so Gen.*
Teja. Supremo Nume , escusa meus receios ;
 Mas vòa o santo Genio , e o moço Princepe ,
 Brilhante preza , que as paixoens invejaõ ,
 Em campo fica ao fogo de seus annos
Min. Não temas , charo Tejo , a mim me cumpre ;
 Pois já da sabia Máy o sceptro rejo ,
 O Filho dirigir nos são dictames.
 Da saudosa Penelope mais grato
 A meu peito não era o Filho errante ,
 Quando a pezar das furias de Nepruno
 A salvo o trouxe á suspirada Patria
 Na esperta escholla dos trabalhos feito.
 Em paz te volta aos campos deleitosos
 Da branda Lilia ; e alli as mansas agoas
 Cançadas de correr , hum pouco pára
 Em honra deste Dia ; e alegre entoa
 Com as fermozas Ninfas doces hymnos.
 Voluvel Semi-Deos , contente parte ,
 Em tanto eu fico com os santos Manes
 As delicias gozando destes bosques.

A R I A.

Amenos bosques
 Que o Céu visita ,
 Aonde habita
 Santo prazer.
 Aqui descança
 A sãa virtude
 Do trato rude
 Que o mundo faz.

C O R O .

No Throno da Lilia
 A par de MARIA
 A labedoria
 Alto solio rem.
 O sabio Principe,
 Dos Céos bem olhado,
 Natural traslado
 He d' Augusta May.

F I M .

Quel nouveau jour luit à mon cœur ?
 Je pourrai donc faire du bien à un
 être sensible ?

A R I A .

Que o mundo faz
 Do tanto ruído
 A las virtudes
 Qual delicia
 Tanto prazer
 Onde habita
 Que o Céu visita
 Amenos dolores